

Apontamentos da Escola de comunidade com Julián Carrón
Milano, 18 de Dezembro 2013

Textos de referência: L. Giussani, «A concepção que Jesus tem da vida», em Na origem da pretensão cristã, Verbo, 2002, pags. 103-127.

- *Dal profondo*
- *Sou feliz Senhor*

Gloria

Iniciemos o oitavo capítulo de *Na origem da pretensão cristã*. Pelas perguntas que nos chegaram, a primeira coisa que é preciso esclarecer, é qual o sentido deste capítulo para o poder perceber no seu verdadeiro significado. Começo com uma pergunta que põe a nu esta questão: «Caro Carrón, queria perguntar-te porque é que o oitavo capítulo deste livro é “incrível”, como disseste, porque a mim está a custar-me muito perceber o nexo com aquilo que estudámos até agora. Percebo que me é pedido um trabalho mais intenso, mas facilmente perco o fio à meada e de cada vez que leio, parece-me que o que leio é verdadeiro, mas não parto de uma experiência que fiz [esta é a questão], por isso aquilo que leio não incide sobre a vida. Então porque é que para ti é incrível?».

Num grupo de Escola de Comunidade, onde há várias pessoas novas que começaram a vir há pouquíssimo tempo, senti a necessidade de relembrar os pontos anteriores para perceberem aonde tínhamos chegado. E então percorri o livro: como surgiu o problema na história, com o passar do tempo uma profundidade de certeza, a pedagogia de Cristo ao revelar-se, a declaração implícita, a declaração explícita. Depois disse: «No final deste percurso, don Giussani escreve este capítulo sobre a concepção que Jesus tem da vida. E uma destas pessoas novas diz: «E o que é que isto tem a ver?».

Um novo e um velho com a mesma pergunta: «O que é que tem a ver?».

«O que é que isto tem a ver depois de Jesus ter dito que é Deus?». Na discussão que surgiu e também noutras discussões, ouvi dar esta resposta: depois de Cristo dizer que era Deus, qui ensinar como se faz para viver; ou seja, este capítulo seria, depois de toda uma série de capítulos cognoscitivos, um capítulo sobre a moral. Ora, como isto não me faz sentido, eu contestei, mas gostaria que tu nos ajudasses a perceber, porque me parece que este capítulo assinala realmente a novidade de don Giussani, sobre o modo com que nós podemos perceber e viver a fé.

Parece-me que a pergunta daquela pessoa é a mesma que todos nós muitas vezes podemos ter: o que tem a ver isto com o percurso que fizemos, com toda a trajectória da convicção, com toda a pedagogia de Jesus ao revelar-se até à declaração implícita e à explícita? O que tem a ver, agora, este capítulo que parece ser uma lição, como alguém disse, sobre a moral ou sobre a antropologia (o que é o homem para Jesus)? Como quem diz: agora faz-nos uma bela dissertação sobre o que é que Jesus pensa da vida, mas parece que isto não tem a ver com o percurso. Um capítulo destes – poder-se-ia dizer – ficaria bem num livro de antropologia mas não num livro em que se descreve o percurso da fé. Esta é a primeira questão que deve ser identificada, e é o objectivo desta noite.

No último encontro do meu grupo de Fraternidade, convidei uma amiga que não conhece bem o movimento e no fim perguntei-lhe o que tinha achado. Disse-me que tinha ficado impressionada com as intervenções porque havia muitas pessoas com dificuldades sérias, concretas, no trabalho, com a família: «Estas pessoas, ao contrário de outras que conheço, não estão desesperadas e impressionou-me especialmente um casal que tem uma filha

doente mas não vivem com uma raiva desesperada esta situação, mas estão serenos». E conclui dizendo: «Esta noite vi muito bem Jesus». Para dizer a verdade, eu não me tinha dado conta de nada em especial, estava concentrado noutra coisa, pelo que me senti como aquele que não se dá conta da realidade que tem diante. Pelo que me vieram à cabeça as coisas que nos tinhas dito na última Escola de comunidade, que Cristo acontece sempre através de alguém para nos chamar ao essencial. Mas depois tinhas acrescentado que se uma pessoa não se dá conta da experiência que faz, não é porque outro to diz, que a podes fazer (porque uma descrição não é uma coisa pessoal). Por isso gostava de te perguntar se aquilo a que a minha amiga me chamou a atenção pode ser uma experiência para mim, ou se pode ser um indício, mas de alguma coisa que se deve tornar pessoal. Dou-te um exemplo: quando ela me disse isto, dei-me conta de que o meu modo de enfrentar os problemas de todos os dias não nascia de uma esperança, mas muitas vezes de uma raiva. E na tua opinião, o que é que isso que acabaste de dizer tem a ver com este capítulo?

Tem a ver com o facto de que até o modo de Jesus conceber a realidade era um pouco como aquele dos meus amigos que não partiam de um desespero, é um modo diferente ...

Quer dizer, eles deram um testemunho belíssimo de como se vive moralmente. Era esta a questão? É disto que fala o capítulo?

Sim. Para dizer a verdade, quando te escrevi a pergunta, não tinha em mente o capítulo.

Exacto. Este é o ponto. Foi por isso que te pedi para intervires. Depois respondo à tua pergunta, não é que te escapas assim...

Eu gostava de partir de um facto para depois dizer como, na minha opinião, ele tem a ver com o capítulo. O facto é este: no Natal fazemos um jantar com as pessoas que nos acompanham na procura de trabalho, com quem nos temos cruzado e conversado. Entre estas pessoas vem-me à mente um senhor que encontrámos em Abril, com que uma amiga se tinha cruzado numa manhã, no metro, a tocar trompete e que tinha um cartaz «Procuro trabalho»; ela parou, falou com ele e uns dias depois encontrámo-nos às sete da manhã. Nós apenas o vimos naquele dia, e depois esqueci-me dele. A minha amiga também se esqueceu dele. Nunca mais o vimos. Nestes dias, enquanto fazia a lista dos convidados, lembrei-me daquele encontro que foi um espectáculo, os seus olhos, como era curioso e interessado. Enfim, telefonei à minha amiga e ela dá-me o telemóvel. «Ainda tens o telemóvel dele?». «Sim, tenho». Deu-mo. É ucraniano. Telefonei-lhe. «Olá, como estás?». Reconheceu-me imediatamente. «Não posso acreditar! Fantástico!». Pergunto-lhe: «Como é que te lembras de mim? «Mas como é que posso esquecer-me daquele dia?!». E não é que tenhamos ficado com ele, ajudámo-lo a procurar trabalho, e disse-me que fazia uns trabalhitos. Então disse-lhe: «Vens na sexta?». «Vou. Claro que vou». E estava todo contente. Isto fez-me pensar no capítulo da Escola de comunidade, quando se fala da concepção que Jesus tem da vida, em que a dada altura diz que «é na concepção que Cristo proclama, é na imagem que Ele dá da verdadeira estatura do homem, é no olhar realista que Ele tem sobre a existência humana, é aqui onde o coração que procura o seu destino, percebe a verdade dentro da voz de Cristo que fala; é aqui onde o coração “moral” se apercebe da Presença do seu Senhor». E num encontro recente, disseste uma coisa maravilhosa sobre esta mesma passagem: «Por isto, quando uma pessoa está diante de Outra que olha desta forma para Zaqueu e para a Samaritana, ou que diz: “Maria!”, vê a força que tem, percebe que não é um facto sentimental e que aquele olhar é tão impossível para o homem que, quando acontece, é o sinal do divino. Qual sentimental! É um juízo sobre aquele olhar, este é o teu valor; faz-to sentir, faz-te experimentar, faz-te

vibrar e só o divino pode fazer isto, É a partir daqui que uma pessoa descobre todo o valor da sua própria pessoa, porque nunca fui olhado assim, nunca ninguém me fez tomar consciência de mim deste modo e por isso ninguém se revelou tão divino como Ele. Isto fala mais de Jesus que qualquer outra coisa, mais do que a cura dos paralíticos ou dos cegos». Isto impressionou-me porque este ucraniano não disse todas estas coisas, mas no seu olhar, pelo modo como estava contente, vibravam nele estes traços, tinha-lhe acontecido a mesma coisa.

Mas quando me contaste isso há bocado nem sequer te apercebeste do que estavas a contar! Então o que acontece, amigos? Podemos contar factos espetaculares como os que ouvimos mas quando eu pergunto: «E o que aprendeste com isto? O que te impressionou?», silêncio! É impressionante que o outro se comova. «Mas tu? O que é que retiveste daquilo que lhe aconteceu a ele?» Este é o alcance deste capítulo. Por isso, Giussani – começo a entrar na questão – introduz o capítulo com uma premissa que é decisiva; decisiva não apenas para o capítulo, para perceber o capítulo, para perceber o sentido, o nexos, como dizia a pergunta, para não perder o fio condutor com o resto do livro, mas sobretudo para não perder o que acontece na vida diante de nós, para o nosso caminho de fé. A questão deste capítulo é se ele tem a ver com a moral ou com o conhecimento. Porque se tem a ver com a moral, o que mais impressiona é que existem boas pessoas que, perante uma situação difícil, não estão desesperadas, ou que existem pessoas que ajudam os outros a procurar trabalho. Deus até nos pode usar para chegar aos outros, mas nós não nos damos conta do significado das coisas que o Senhor faz acontecer diante dos nossos olhos para o nosso percurso de fé: por isso é que é uma questão de conhecimento! Por isso, a primeira carta que citei conclui-se com esta belíssima comparação: «Parece-me que assumo as coisas ditas como verdadeiras [podemos dizer coisas verdadeiras], mas não parto de uma experiência feita [uma pessoa conta estes factos que acontecem aos outros, mas não como uma “experiência que eu faço”], por isso o que eu leio não tem incidência na vida». Então, respondendo à penúltima intervenção, digo que a experiência de um amigo torna-se tua se o que viste na tua amiga – ainda por cima a última que chegou – também é revivido por ti. Como nos testemunhou tantas vezes *don* Giussani: o último a chegar podia ser aquele que ele próprio seguia, porque a sequela – como nos disse sempre – é reviver a experiência que vejo outro fazer. Pois, a questão é que tu possas refazer a experiência que a amiga fez e que te impressionou. Na verdade, o que evidencia isto? Que estamos perante um problema de método: como é possível que o que aconteceu à amiga se torne teu? Este é o alcance da premissa. Porque o problema não é que *don* Giussani não tivesse mais nada que fazer do que dizer premissas sobre as condições de possibilidade do conhecimento de alguma coisa que vai explicar depois; não, é que se não nos dermos conta – como vocês próprios veem – não retemos, e dizemos coisas que até são verdade mas não são uma experiência. Porquê? Porque para reter o que reteve a última a chegar, é preciso uma «genialidade humana», diz o capítulo. O que significa «genialidade humana»? Se fizermos agora a comparação com o que ouvimos, percebemos que esta genialidade humana não é um nível de santidade – diz na página 103 –, não é um nível de irrepreensibilidade ética, não estamos a falar disso. Para reter o que está a acontecer, é preciso a abertura original da alma. No Evangelho, é isto que está em causa. Os fariseus eram infinitamente mais irrepreensíveis do que os publicanos, mas não retinham, nem estavam disponíveis para reter o que acontecia diante dos seus olhos. Os publicanos tinham muitas culpas, eram eticamente desastrosos, mas tinham esta abertura, ao ponto de irem ter com Jesus e os outros atacavam-nos por isso. Então, a questão é que para reter o que a amiga reteve é preciso uma genialidade humana: ela ali viu Jesus! Não

disse só que eram boas pessoas, mas percebeu que não podia reduzir o que tinha visto a uma força ou uma energia sua; para explicar o que os seus olhos viam disse: «Eu ali vi Jesus». A tua amiga viu o que tu também viste, mas tu não percebeste nada do ela viu; os factos estavam ali, à tua frente, mas tu percebeste o que a tinha impressionado, ficaste impressionado com a tua amiga. Portanto, estavas a fazer com a tua amiga a experiência que ela tinha feito com os outros, mas não te dás conta, e por isso perguntas-me: «Posso eu fazer a experiência que a minha amiga faz?». Já estás a fazer mas não te dás conta disso! Se não fosse assim, nem terias feito uma pergunta hoje, porque não estarias impressionado com aquele mulher, a última chegar. Verdade? Só por teres interceptado naquela mulher o que interceptaste, já quer dizer que, através dela, estava a chegar até ti o que lhe tinha acontecido a ela. Percebe-se isto? Quanto à última pergunta, digo: amigo, não percebeste que, através do que estava a acontecer ao senhor ucraniano, a mesma experiência estava a chegar até ti. Estavas tão entusiasmado a descrever a maneira como o teu amigo tinha ficado impressionado, mas nem te desdes conta que o Mistério tinha chegado ao teu amigo para que tu pudesses tocar com a mão uma experiência viva (é diferente de dizer as coisas certas ou fazer um discurso a citar alguma coisa que eu tenha dito num encontro!). É decisivo não deixarmos escapar a possibilidade de estar envolvidos no presente numa experiência que nos faça tocar Cristo com a mão. Isto, pelo contrário, alguns ainda percebem.

Lendo o capítulo oitavo, sobre o qual estamos a trabalhar, perguntei-me: já alguma vez encontrei um homem assim, ou seja, com uma moralidade da qual jorra o amor infinito pela pessoa? Não posso deixar de pensar nos Exercícios do Clu, que tiveram lugar agora. Nestes dias, experimentei a presença de um homem assim, identificado com Cristo. Impressionou-me quando, no domingo de manhã, nos disseste: «Esta manhã pensei em vocês e senti por todos uma grande ternura, uma ternura infinita pelo vosso destino». É inevitável que surja a pergunta: quem é este que sente ternura por mim? Deparei-me com um homem como eu, com o mesmo desejo que eu, com a mesma carne que eu, mas que me olha como se eu tivesse um valor infinito. Acontece hoje uma experiência...

Acontece hoje uma experiência como aquela de há dois mil anos! Acontece hoje! Não estamos a falar duma recordação e, agora, fazemos teologia sobre a recordação. Estão a perceber o alcance do capítulo?

Acontece hoje uma experiência que torna razoável o caminho que nos propões, e é com esta gratidão no coração que me lanço à descoberta do dia-a-dia.

Para que é que te serviu, para o teu percurso da fé, aquilo que disseste? Esta é a questão: se aquilo que aconteceu nos Exercícios de Rimini este fim-de-semana serviu para ti.

Serviu-me para ter as razões para estar aqui.

Ou seja?

Ou seja, para poder dizer: este percurso corresponde-me e interessa-me.

Uma pessoa toma para si o alcance daquilo que acontece diante dos seus olhos. Não me interessa com quem acontece, isso é secundário (pode acontecer com alguém que encontras no trabalho, pode acontecer com uma amiga que convidas, pode acontecer com quem prega os Exercícios), não interessa. O problema é se em tudo aquilo que acontece, quando acontece diante dos nossos olhos, nós podemos reconhecê-Lo. Percebem? O problema deste capítulo não é a moral, porque este capítulo é mais uma etapa no percurso da fé: só se nós conseguimos, agora, reconhecê-Lo no presente, é que podemos viver este capítulo – como dizíamos antes – não como a repetição de coisas, ainda que verdadeiras, mas como

possibilidade de fazer experiência hoje daquilo de que nos fala o capítulo. Com mais uma consideração: que a questão é que existem pessoas – e isto é o que cada um de nós deseja – que captam, naquilo que acontece, a presença de Cristo. Por que é que Giussani faz isto? Diz: «O valor de uma pessoa não é apreendido [...] directamente [não é que vos apareça aqui a Santíssima Trindade] [...]. A intimidade de uma pessoa deixa-se compreender na medida em que se revela [...] através dos “gestos”» (*Na origem da pretensão cristã*, p. 103), dos sinais. São como os sintomas que o médico pode reconhecer, na medida em que é capaz de perceber, nestes sintomas, a extensão da doença. Olhem para esta expressão: «Para apreender e julgar o valor de uma pessoa [...] é preciso [...] uma “genialidade humana”»! «Apreender» e «julgar»: tem a ver com o conhecimento. É necessária uma sensibilidade humana que é feita de «sensibilidade natural», de «uma educação completa» e de «atenção». Porque só assim podemos «interpretar os gestos daquela pessoa como sinais significativos nesse preciso sentido» (*ibid.*, p. 103). Então, aquilo de que fala o capítulo oitavo é da genialidade humana: não é um dote particular – nós ouvimos a palavra “genialidade” e pensamos num génio estranho, e dizemos «Eu não sou um génio, então não posso perceber!»; não, a genialidade humana de que fala não é a que estamos habituados na linguagem comum. É sim aquela disponibilidade, aquela atitude, aquela abertura original que permite compreender, como aconteceu ao amigo ucraniano, ou à senhora que vai pela primeira vez à Fraternidade, ou à universitária: todos podem perceber o que está a acontecer. Toda a questão, portanto, reside em compreender que não há uma irrepreensibilidade ética, mas uma abertura original. E isto tem a ver com aquele sentimento próprio da criatura, ou seja, com aquela consciência que uma pessoa tem de si mesma da dependência total do ser da realidade, e pela qual cada pessoa se deixa impressionar pela realidade, tocar pela realidade. Sem isto não se pode compreender, como acontece tantas vezes, não é que nós não contemos coisas que nos impressionam, mas não as percebemos; ou melhor: alguma coisa percebemos, caso contrário não as contávamos, mas escapa-nos o melhor. E o que quer dizer não perceber? É não perceber o valor daquilo que vemos. E porque é que isto acontece? Porque falta a disponibilidade para perceber. E porque é que falta esta disponibilidade para perceber? Não é porque uma pessoa diga: «Não a quero ter», mas porque tantas vezes reduzimos esta disponibilidade a uma mera espontaneidade. «Como nós vimos ao mundo como as crianças, com esta abertura original que se revela na curiosidade que têm sobre todas as coisas, então quer dizer que isto fica assim para resto da vida». Nada de mais contrário à experiência! Esta abertura original, se uma pessoa não se empenhar em mantê-la constantemente aberta, não resiste, e então já não percebemos aquilo que acontece. Tanto é verdade que os últimos são os primeiros, quer dizer, são aqueles que têm ainda a capacidade de se deixar surpreender; nós já vimos de tudo, as coisas parecem que já não nos dizem nada, então quando muito repetimos um discurso, mas já não fazemos experiência. Estão a perceber? Isto está em jogo em todo o capítulo oitavo. Sem isto, o que é que acontece? Que contando coisas lindíssimas e sensacionais nós perdemos a fé pelo caminho, porque tudo aquilo que acontece não aumenta a fé, não cimenta – dizia-me uma amiga –, «não cimenta a relação com Ele». Porque todo o capítulo tem como objectivo que todas as coisas que nos acontecem possam tornar-se alguma coisa que cimenta, que aumenta a certeza. Por isso este capítulo está no meio do percurso da fé. Não é que Giussani tendo chegado agora à divindade de Jesus, mude de discurso e nos fale de moral ou de antropologia; não, tudo isto, desde a premissa original, é para nos ajudar a perceber aquilo que aconteceu. E impressionou-me, na última intervenção, que isto responda também a uma das questões que surgiu no início de ano,

quando falámos do «sermos chamados pelo nome»; muitas vezes, uma pessoa interpreta de modo pessoal: «Se Jesus não vem a minha casa como foi a casa de Zaqueu, eu não me sinto escolhido». Ela era uma entre cinco mil pessoas nos Exercícios do Clu, e vejam o que lhe aconteceu!

Também eu participei nos exercícios do CLU...

Outra entre outros cinco mil.

E posso dizer-te que voltei para casa mais ferida que nunca. Discuti com a minha mãe sobre uma questão um pouco delicada. Os meus pais são divorciados há anos e, desde que sou um bocadinho mais velha apercebo-me que é uma situação que cria muita tensão com a minha mãe. Ela sofreu muito, sofre a toda a hora com o pensamento de que ele tenha reconstituído uma família abandonando-nos. Por mais que eu perceba a sua dor e a sua raiva, não posso deixar de pensar que ele é o meu pai, não posso pensar que nasci de alguém que não me quer bem, até fico com arrepios só de pensar nisso. Crescendo, muitas vezes vi-me obrigada a escolher a quem dar razão diante das suas brigas. É como se devesse escolher um dos dois a quem devesse fazer menos mal, e para mim isso é um tormento, não sou capaz de separar o meu bem do bem deles. Muitas vezes desfaço-me em discussões para equilibrar tudo, tentando compensar as partes. Porém esta vez não fui capaz, não fui capaz de me sufocar outra vez, o meu coração já não me deixa dar juízos superficiais (como: que azar ter uma família assim!). Depois dos Exercícios tenho um pensamento que me assalta, oiço continuamente a tua frase: "somente o divino salva a nossa estatura humana". Será possível que tu estivesses a gozar comigo quando o disseste? Será possível que tu não me incluísse nesta frase, a mim e à minha família, exatamente assim como é? Não. Do quanto me comovi nestes dias, do quanto senti vibrar o meu coração nestes dias, do quanto sinto tudo a queimar, não é possível que não seja também para mim tudo quanto disseste, não me teria sentido chamada como sinto. Não sei qual será a escolha certa, se é ver o meu pai com a sua família; sei que olhando para minha vida tendo nos olhos o que vivi em Rimini nestes dias começo a emergir mais eu, com a minha necessidade de Alguém que tome tudo de mim e da minha vida, capaz de abraçar os meus pais mais do que eles não se conseguiram abraçar. Fico com lágrimas nos olhos se penso que nunca os olhei a eles e a mim com este olhar! É um olhar do outro mundo neste mundo que lentamente está a tomar todas as partes da minha vida e que, pouco a pouco, procuro sempre mais. Estou inquieta mas estou a iniciar exatamente agora um caminho de verificação, imediatamente. E este é um caminho humano.

Obrigado. Esta nossa amiga fez uma experiência ou repetiu alguma coisa de verdadeiro do texto? Só quem fez uma experiência pode perceber a dimensão daquilo que citou: «Só o divino salva a estatura do humano», e por isso pode enfrentar o presente sem ficar sufocada por uma situação como a que descreveu. Até numa situação como esta sente-se chamada assim: uma entre cinco mil, por aquilo que viu nestes dias. E o que é que viu? Um olhar do outro mundo neste mundo. Qualquer coisa de real e presente, não uma lição de antropologia ou de ética. Até ao ponto que agora pode desafiar qualquer redução. Isto é sentimental ou produz uma mudança que lhe permite estar diante do desafio que descreveu? Cada um que decida! Porque que qualquer coisa seja sentimental ou não depende da capacidade de mudança, da capacidade que tem de me fazer enfrentar o real, para estar no real, diante dos desafios do viver. E se nós não percebemos isto, o capítulo torna-se mais uma ocasião para as nossas reflexões, para os nossos comentários sobre o texto, mas sem que aconteça qualquer coisa de presente, pelo qual não percebemos e nem sequer podemos reter que só o

divino salva a nossa estatura humana. Podemos-lo repetir, porque o repetimos tantas vezes, e podemos repeti-lo outra vez, como dizia o primeiro mail; «como coisas ditas verdadeiras, mas não a partir de uma experiência feita, por isso aquilo que leio não incide sobre a vida». Pelo contrário incide sobre a vida quando o percebemos bem? Tal e qual! Incide muito mais do que qualquer outro tipo de estratégia. Mas para que possamos vê-lo incidir é preciso que nós tenhamos a genialidade humana de acolher aquilo que acontece. E vê-se que uma pessoa não fica ali parada, que aquilo não é o ponto de chegada, mas o relançar-se no desejo de verificação. «Estou inquieta, estou precisamente agora a começar um caminho de verificação». Imediatamente! Uma pessoa tem desejo de ver se isto é capaz de sustentar a vida. Por isso toda a grandeza do capítulo está precisamente nisto: se podemos fazer uma experiência no presente. Porque Jesus não mudou o método, e Giussani não mudou o método que nos mostrou desde o início até agora; esta é uma radicalização, porque tudo o que dizia na premissa, que nunca podemos dar como óbvia, é a condição para que eu me possa dar conta do gesto mais iluminador, do sinal mais significativo que Jesus faz. Isto, dizemos, é o cume de todo o percurso da revelação de Jesus, o último passo. E isto diz de toda a genialidade de Giussani, porque que uma pessoa se possa aperceber, na concepção que Jesus tem da vida, toda a grandeza, toda a novidade de Jesus, a Sua divindade, é incrível. É precisa a genialidade de Giussani, porque em nenhum livro de cristologia, aparece uma coisa género, um capítulo como este. E isto diz do carisma a que pertencemos. O oposto de discursos sobre antropologia! E por isso nós, enfrentando o capítulo, podemos ser infiéis ao carisma, isto é arruiná-lo, não nos dando conta daquilo que estamos a falar. A mesma genialidade que Giussani teve para o acolher é aquela que nós tivemos para o acolher em tudo aquilo que acontece, porque, como veem, acontece diante dos nossos olhos, não somente naquilo que lemos no capítulo, mas naquilo que acontece na vida. Giussani no-lo descreve para que nos demos conta que isto é aquilo que está a acontecer diante dos nossos olhos. E quando uma pessoa se apercebe disto, sente-se chamado pelo nome, mesmo que seja uma entre cinco mil, não precisa que alguém vá a sua casa, sente-se chamada pelo nome. Porquê? Por aquilo que se lia antes, porque só o divino pode ter um olhar assim sobre o humano, salvar o humano. É na concepção da vida que Cristo proclama, é no olhar que Ele tem sobre o homem que quem tem o coração com esta disponibilidade acolhe o divino. Porque se o coração é só uma noção que diz respeito ao nosso sentido religioso, que depois deixamos no armário porque «agora estamos a falar de Cristo», nós não acolhemos aquilo que acontece, e pelo contrário aqueles que chegam pela primeira vez apercebem-se. Eis porque para eles é um encontro. Mas aquilo que lhes acontece a eles, como aquilo que nos aconteceu a nós, não fala apenas do primeiro encontro; é o caminho de cada encontro, é o caminho para o qual precisamos constantemente de Cristo. Doutro modo lamentamo-nos: «Sim, no início foi assim, mas depois desapareceu». E nós pensamos poder viver de rendimentos? Vejam se podem viver dos rendimentos! Não, porque Cristo não mudou o método. O problema é que nós o mudámos! E pensamos que já não precisamos que aconteça isto. Mudamos nós o método e em vez de estarmos atentos áquilo que acontece, comentamos aquilo que acontece! Muito diferente. É evidente que depois, uma pessoa diga que uma experiência assim não incide sobre a vida: não pode incidir. Por isso, pelo contrário, «o coração que procura o seu destino [ou seja que tem esta abertura] percebe a verdade dentro da voz de Cristo [...] capta, [acolhe, intercepta] o sinal da Presença do seu Senhor» (*ibidem* p. 107). É assim que podemos viver o Natal, acolhendo a presença do Senhor, de outra forma para nós o Natal

será uma recordação devota; interessante como elemento cultural ou religioso, mas não como alguma coisa presente.

A próxima Escola de comunidade terá lugar terça-feira dia 29 de Janeiro às 21:30. Para a próxima vez – como veem percebe-se agora porque o capítulo é “incrível”, por isso não temos pressa – fazemos do ponto 2 até ao ponto 4.

«A alegria do Evangelho enche o coração e a vida inteira daqueles que se encontram com Jesus. Aqueles que se deixam salvar por Ele são libertados do pecado, da tristeza, do vazio interior, do isolamento» (Francisco, *Evangelii Gaudium*, 1). Por isso também este Natal é uma ocasião de reler a **Exortação Apostólica Evangelii Gaudium** do **Papa Francisco**, para que possamos participar deste gaudium, desta alegria do anúncio de Cristo que vem e que se torna carne para nós.

A este propósito dei uma entrevista ao jornal *Avvenire* que pode ajudar a introduzir-vos à leitura do texto.

Os Exercícios da Fraternidade serão de **4 a 6 de Abril**.

Para celebrar o 60º aniversário do nascimento de Comunhão e Libertação pensámos fazer um filme que documente a riqueza e a novidade de vida que o encontro com o Movimento traz à própria realidade quotidiana. É um desejo de comunicar aquilo que somos, depois de tudo aquilo que aconteceu nos últimos anos em que nos atiraram toda a lama possível nos jornais. Isto diz respeito a todos, por isso desafia a criatividade de todos. Se tu tivesses de dizer o que é que significa levar a uma família pobre o saco do banco alimentar ou o que significa ajudar alguém a encontrar trabalho, como é que dirias através de um pequeno vídeo que documente não apenas de modo didascálico, não como um discurso, o que significa a vida que fazemos?

É importante que todos aqueles que possam, contribuam com filmes breves. Não é uma coisa para especialistas. No site: www.video60.clonline.org. encontram as indicações práticas. Peço-vos para levarem a sério o aviso pela importância que tem, para poder dizer de modo belo, sugestivo, interessante porque é que somos do Movimento, o que é que nos aconteceu.

Bom Natal a todos.

Veni Sancte Spiritus